REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i47.19813

Livros informativos para crianças e autoria feminina: uma análise a partir das publicações premiadas pela FNLIJ

Children's information books and female authorship: an analysis of the publications awarded by FNLIJ

Vivian Stefanne Soares Silva
E-mail: vivianstefanne@gmail.com
Orcid: https://doi.org/10.5281/zenodo.13604289

Paula Renata Melo Moreira
E-mail: rmoreira@cefetmg.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8421-4898

Resumo: O artigo propõe uma análise das publicações premiadas na categoria livro informativo pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), com um olhar atento para as produções de autoria feminina. O objetivo é discutir as características das obras não ficcionais escritas por mulheres que recebem reconhecimento das instâncias legitimadoras. Uma observação preliminar revela que uma parcela significativa dessas publicações é assinada por autoras mulheres, muitas vezes em coautoria, o que destaca a importância do trabalho coletivo feminino no campo da literatura. Esse aspecto sugere não apenas uma forte presença feminina na produção de livros informativos para crianças, mas também uma possível rede de colaboração entre escritoras, ilustradoras e pesquisadoras. No que diz respeito aos temas explorados, nota-se que os livros premiados frequentemente abordam questões sociais relevantes e biografias de outras mulheres, reforçando um compromisso com a valorização das narrativas históricas e a representatividade feminina. Uma análise das obras premiadas nos últimos cinco anos evidencia um viés marcadamente histórico e social, expondo tanto preocupações contemporâneas quanto um

esforço em resgatar figuras e eventos que contribuíram para a construção da sociedade. Esse cenário aponta para uma literatura informativa engajada, envergada na promoção de debates sobre identidade, cultura e cidadania.

Palavras-chave: livros informativos; autoria feminina; Prêmio FNLIJ.

Abstract: The article proposes an analysis of the publications awarded in the informative book category by the National Foundation for Children's and Young People's Books (FNLIJ), with a close look at female-authored productions. The aim is to discuss the characteristics of non-fiction works written by women that receive recognition from legitimizing bodies. A preliminary observation reveals that a significant proportion of these publications are signed by women authors, often in co-authorship, which highlights the importance of women's collective work in the field of literature. This suggests not only a strong female presence in the production of information books for children, but also a possible network of collaboration between female writers, illustrators and researchers. With regard to the themes explored, it can be seen that the award-winning books often address relevant social issues and biographies of other women, reinforcing a commitment to valuing historical narratives and female representation. An analysis of the works awarded in the last five years shows a markedly historical and social bias, exposing both contemporary concerns and an effort to recover figures and events that contributed to the construction of society. This scenario points to an engaged informative literature, committed to promoting debates on identity, culture and citizenship.

Keywords: information books; female authorship; Prêmio FNLIJ.

A literatura infantil no Brasil emerge em um contexto político e social que, inicialmente, a define como um instrumento pedagógico destinado a transmitir às crianças os ideais e pensamentos da época, visando à construção do futuro do país. Esse caráter educativo já foi amplamente discutido por autoras como Coelho (1991) e Lajolo e Zilberman (2007). Desde sua origem, os livros infantis estiveram estreitamente ligados ao ambiente escolar. Nota-se, assim, uma semelhança entre essa produção literária e o papel das mulheres, que, ainda hoje, são frequentemente associadas às funções de ensino e instrução, tanto na esfera pública quanto na privada.

Para além desse vínculo, mulheres e crianças foram historicamente consideradas destinatárias menores ou menos relevantes dentro daquilo que se consolidou como Literatura. O acesso restrito à leitura e à escrita por esses grupos é resultado de um processo de marginalização que marcou a construção do cânone literário. Lyons (1999), ao analisar a exclusão na cultura escrita, associa mulheres, crianças e operários em um mesmo contexto de subalternidade. No caso dos operários, até o século XIX, a leitura lhes era inacessível não apenas por falta de alfabetização, mas também devido à ausência de condições materiais e de tempo para o exercício dessa prática. Sem acesso à leitura, tampouco se tornavam escritores, sendo a escrita um espaço de pertencimento e poder restrito a poucos.

Já as mulheres e as crianças, frequentemente agrupadas sob uma mesma lógica de tutela social, tinham um acesso à leitura mediado por regras e limitações impostas pela sociedade. As mulheres, em especial, eram direcionadas para gêneros considerados adequados à sua posição social, como livros de instrução e romances. Essa seletividade reforçava a ideia de que tanto mulheres quanto crianças não eram sujeitos autônomos da leitura, mas sim destinatários de conteúdos filtrados e controlados, sob a justificativa de proteção ou direcionamento moral.

Nesse sentido, o processo de constituição do cânone literário — feito historicamente por homens e para homens — não apenas excluía essas figuras como leitores legítimos, mas também relegava à margem as produções feitas para esses grupos e/ou por mulheres. Hunt (2010) destaca que a literatura infantil foi, por muito tempo, considerada uma categoria menor pela crítica literária, ocupando um espaço secundário frente às obras reconhecidas. A despeito dessa exclusão, a relação entre mulheres e literatura infantil foi se consolidando ao longo do tempo ocupando exatamente esse espaço limítrofe de pouco acúmulo de capital simbólico (Bourdieu, 1996). Embora o cenário brasileiro tenha sido inicialmente dominado por traduções de obras

estrangeiras, muitas mulheres passaram a ocupar um papel central na escrita para crianças, sendo pioneiras nesse campo. Um exemplo marcante é Cecília Meireles, cuja produção literária voltada para o público infantil contribuiu significativamente para a valorização do gênero no Brasil.

Além da escrita, a atuação feminina na literatura infantil se estende a diversas funções dentro da cadeia editorial. Como apontam Moreira e Silva (2023), as mulheres não apenas produzem livros para crianças, mas também assumem papéis fundamentais como editoras, tradutoras, ilustradoras e pesquisadoras, desempenhando múltiplas funções que garantem a existência e a circulação dessas obras. Essa presença multifacetada evidencia que, apesar da exclusão histórica, as mulheres vêm conquistando espaços importantes na literatura infantil.

A partir de tais apontamentos, podemos pressupor, então, que: a) o vínculo entre mulheres e crianças é social e histórico; b) as produções destinadas a esse público e produzidas pelas mulheres foram — e ainda são — consideradas menores, como bem o demonstra a pesquisa de Dalcastagnè (2012) que, embora feita para o romance, gênero de prestígio, possui ramificações que nos permitem pensar a produção autoral de mulheres nos mais diversos âmbitos do campo literário. Diante dessas constatações, podemos pressupor que as questões aqui levantadas perpassam as produções escritas por mulheres e destinadas às crianças, complexificando análises que porventura possam ser feitas acerca dessas obras.

A escrita de livros infantis por mulheres, quando observada do ponto de vista sociológico, a partir da interpelação do campo literário, tal qual apontado por Bourdieu (1996), carece de um *status quo* resultado do acúmulo de capitais, dos quais o que mais se destaca é o simbólico. Tal situação se deve a que historicamente esses livros foram marginalizados tanto pelas características de sua autoria quanto pelas de seu destinatário, não ascendendo à condição de cânone literário, mas permanecendo à margem desse meio, não sendo, assim, produções reconhecidas e/ou validadas.

Nesse cenário, existem poucas entidades[1] que se dedicam à avaliação dos livros infantis e à validação das obras produzidas nesse segmento literário, especialmen-

1 Para além do Prêmio O melhor para criança, instituído pela FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, outras duas instâncias se destacam no âmbito da avaliação das publicações destinadas às crianças: a Câmara Brasileira do Livro - CBL que atribui anualmente o prêmio Jabuti e desde suas primeiras edições avalia os livros infantojuvenis e a Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio que premia anualmente as melhores produções literárias de literatura infantil e juvenil no Brasil.

te aquelas com foco em gênero. Nesse contexto, iniciativas como a promovida pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ, que se concentra na análise de obras voltadas para o público infantil, estimulando a promoção e a crítica de produções de diferentes países, ainda que não abordem especificamente a questão de gênero, oferecem informações valiosas para compreendermos o que tem sido reconhecido e legitimado por essas instituições no âmbito da produção literária voltada para as crianças.

Criada em 1968, vinculada ao IBBY[2], a FNLIJ é uma organização de atuação permanente, importante por seu trabalho de incentivo, promoção, reconhecimento e crítica literária. Dentre suas várias frentes de atuação, uma das mais importantes e conhecidas é a instituição do Prêmio FNLIJ, um concurso anual que data de 1975, considerado uma referência de qualidade para os livros infantis e juvenis. O prêmio "FNLIJ — O melhor para criança" atribui um selo aos mais bem conceituados livros de diversas categorias, os quais passam a compor uma lista e são referências em diversos critérios, como autoria, ilustração, projeto gráfico, informação, teoria, entre outras.

Uma dessas categorias, embora bastante recorrente no universo infantil, cujo uso propedêutico lhe cedeu espaço, é o livro informativo. A história de seu consumo, fortemente escolar, todavia, não faz jus à recente valorização que tem sofrido, especialmente relacionada à materialidade dos volumes. De forma pioneira, desde 1991, a FNLIJ instituiu o prêmio Malba Tahan, que seleciona o melhor livro informativo dentre as publicações realizadas no ano anterior. Abaixo, é possível ver a lista dos premiados na categoria supramencionada, em uma tabela contendo ano da premiação, título, autor, editora e categoria.

2 O IBBY - International Board on Books for Young People foi criado em Zurique, Suíça, em 1953. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos cujo objetivo é ser "uma rede internacional de pessoas do mundo todo comprometidas em unir livros e crianças" (IBBY, n.p.).

Tabela 1 - Livros informativos para crianças premiados pela FNLIJ (1991-2024)

Ano da premiação	Título do livro	Autor(a)	Editora	Categoria
1991	Coleção viajando através da história	Vários	Scipione (SP)	História
1992	Coleção de mãos dadas com a natureza	Vários	Salamandra (SP)	Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade
1993	Coleção o homem e a comunicação	Ruth Rocha e Otavio Roth	Melhoramentos (SP)	Interdisciplinar
1994	A terra é sua. E cuide dela!	Josep Rosell e Olga de Sá (tradutora)	Santuário (SP)	Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade
1995	Coleção alecrim dourado	Geruza Hélena Borges	Mazza (MG)	Generalista
1996	Noções de coisas	Darcy Ribeiro	Editora FTD (SP)	Generalista
1997	De dois em dois: um passeio pelas bienais	Renata Sant'Anna, Maria do Carmo, Edgar Bittencourt	Martins Fontes (SP)	Artes
	Serafina e a criança que trabalha	Jô Azevedo, Iolanda Huzak, Cristina Porto	Ática (SP)	Direitos humanos e cidadania
1998	O livro das árvores	Jussara Gomes Gruber (Org)	Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues (AM)	Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade
1999	Coleção Terra Brasilis	Eduardo Bueno	Objetiva (SP)	História
2000	Teatro	Raquel Coelho	Formato (SP)	Artes
2000	Brasil 500 anos - A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens	Hans Staden	Dantes (RJ)	História
2001	Circo universal	Raimundo Carvalho e Ivan Luis B. Mota	Dimensão (MG)	Artes
2002	Brasil, olhar de artista	Kátia Canton	Editora DCL (SP)	Artes
	Agbalá, um lugar-continente	Marilda Castanha	Formato (SP)	Modos de vida e cultura popular: infância, brincadeira e oralidade
2003	Retrato de arte moderna: uma história no Brasil e no mundo ocidental (1860-1960)	Kátia Canton	Martins Fontes (SP)	História

contínua

Ano da premiação	Título do livro	Autor(a)	Editora	Categoria
2004	Batuque, samba e macumba: estudo de gestos e de ritmo, 1926/1934	Cecília Meireles	Martins Fontes (SP)	Modos de vida e cultura popular: infância, brincadeira e oralidade
2005	Explicando a filosofia com arte	Charles Feitosa	Ediouro (RJ)	História
	Almanaque Ruth Rocha	Ruth Rocha	Ática (SP)	Generalista
2006	Álbum carioca: energia elétrica e cotidiano infanto-juvenil (1920-1949)	Marilza Elizardo Brito (org)	Centro da Memória da Eletricidade (RJ)	História
2007	Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular	Carlos Patati e Flávio Braga	Ediouro (RJ)	História
2008	Leonardo desde Vinci	Nilson Moulin	Cortez (SP)	Biografia
2009	Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias	Luiz Antonio Aguiar	Record (RJ)	Biografia
2010	Kafka e a marca do corvo: romance biográfico sobre a vida e o tempo de Franz Kafka	Jeanette Rozsas	Geração Editorial (SP)	Biografia
2011	Mil folhas: história ilustrada do doce	Lucrécia Zappi	Cosac Naify (P)	História
2012	Dinos do Brasil	Luiz e Anelli	Peirópolis (SP)	História
	Três anjos mulatos do Brasil	Rui de Oliveira	Editora FTD (SP)	Biografia
2013	Biblioteca do mundo	Daniela Chindler	Casa da Palavra (SC)	História
	Labirintos: parques nacionais	Nurit Bensusan	Peirópolis (SP)	Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade
2014	Buriti	Rubens Matuck	Peirópolis (SP)	Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade
2015	Carmen, a grande pequena notável	Heloísa Seixas	Edições de Janeiro (RJ)	Biografia
2016	Malala, a menina que queria ir para a escola	Adriana Carranca	Companhia das Letrinhas (SP)	Biografia

contínua

Ano da premiação	Título do livro	Autor(a)	Editora	Categoria
2017	Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão	Gabriela Romeu	Peirópolis (SP)	Lugares e culturas
	Se...: uma nova maneira de enxergar grandes conceitos	David J. Smith	Companhia das Letrinhas (SP)	Generalista
2018	Os trabalhos da mão	Alfredo Bosi	Positivo (PR)	Direitos humanos e cidadania
2019	História da terra 100 palavras	Gilles Eduar e Maria Guimarães	Companhia das Letrinhas (SP)	História
2020	Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul	Gabriela Romeu e Marlene Peret	Peirópolis (SP)	Lugares e culturas
	Reinações de Monteiro Lobato: uma biografia	Marisa Lajolo e Lilia Moritz Schwarcz	Companhia das Letrinhas (SP)	Biografia
2021	Histórias de pessoas refugiadas no Brasil	Aryane Cararo e Duda Porto de Souza	Seguinte (SP)	Biografia
2022	Meninos malabares: retratos do trabalho infantil no Brasil	Bruna Ribeiro	Panda Books (SP)	Direitos humanos e cidadania
2023	O adeus do marujo	Flávia Bonfim	Pallas (RJ)	Biografia
2024	Seu Joaci e o tempo: o céu na voz de um mestre caiçara	Miriam Fátima Esposito	Peirópolis (SP)	Biografia

Fonte: elaborado pelas autoras.

A proposta deste trabalho é, então, a partir da observação dos dados elencados na planilha acima, analisar, de maneira geral, as produções de autoria feminina — considerando aqui apenas o trabalho das escritoras, em que pese reconhecermos autoria no processo de ilustração e de tradução — a fim de investigar o que as mulheres vem fazendo no campo de não ficção[3] nos livros infantis, concomitante à observação daquilo que tem sido validado por instâncias de reconhecimento.

3 O conceito de não ficção é atribuído aos livros informativos pela pesquisadora espanhola Ana Garralón (2015), referência no estudo destas publicações. No entanto, as pesquisas mais recentes vêm discutindo a aplicabilidade do termo, haja vista que os livros informativos têm se tornado narrativas cada vez mais inventivas, transitando entre a ficção e a não ficção de maneira criativa.

Um primeiro aspecto a ser analisado é a dimensão quantitativa da presença feminina entre os premiados da FNLIJ, especialmente nos últimos anos. Ao considerarmos apenas os livros cuja autoria é exclusivamente feminina — excluindo, portanto, aqueles de autoria compartilhada com homens, bem como as produções organizadas por coletivos ou pertencentes a vários autores — chegamos a um total de 22 menções. Esse número representa mais de 50% das obras premiadas, evidenciando uma expressiva participação feminina no cenário da literatura informativa infantil.

Essa predominância, no entanto, não se restringe ao gênero informativo. Na edição mais recente do Prêmio FNLIJ, em 2024, das 15 categorias, 8 contemplaram mulheres como autoras, sem contar ilustradoras e tradutoras. Esse dado reforça duas constatações fundamentais: primeiro, a de que uma parcela significativa da produção literária voltada para o público infantil tem autoria feminina; e segundo, que o trabalho das mulheres nesse campo não apenas tem se consolidado como quantitativamente expressivo, mas também tem sido reconhecido e legitimado por instâncias críticas e institucionais.

Dessa forma, a análise numérica não se limita à contagem de premiações, mas levanta questionamentos mais amplos sobre o papel das mulheres na literatura infantil e a forma como suas contribuições vêm sendo percebidas e valorizadas. No entanto, resta investigar se, tal qual acontece com os livros literários, esse reconhecimento se traduz, de fato, em uma maior inserção dessas obras em instâncias de legitimação — o que incentiva sua produção, ampliação e divulgação[4] — ou se, apesar das premiações, ainda persistem barreiras para que essas produções alcancem um *status* consolidado, dado sua origem, autoria e pertencimento ao mercado de não ficção.

Ainda nesse sentido, é notável nas obras premiadas que o trabalho conjunto de mulheres em uma mesma obra é uma tendência, de modo que a autoria dos livros, muitas vezes, pertence a duas mulheres. Esse trabalho conjunto coloca em evidência uma característica comum às discussões feministas recentes, que é o trabalho em parcerias e coletivos. Ana Gallego Cuiñas, em “Femedição: Por uma práxis editorial feminista ibero-americana” (2024), discute o coletivo como “força que desconstrói o

4 Parte significativa das obras premiadas, sobretudo as literárias, compõem as seleções governamentais para compras públicas destinadas às escolas. As premiações são tão significativas que não raro os sites das editoras apresentam os livros evidenciando os prêmios recebidos. Esses prêmios colocam as obras em evidência e agem como uma espécie de “chancela” no que tange à qualidade das obras, servindo como meios de divulgação, mas também como um tipo de validação daquela produção.

discurso da história da edição baseado na ideia personalista e masculinizada de direção editorial" (p. 302). Nesse sentido, o trabalho conjunto passa a ser algo da ordem da estratégia política para visibilização, compartilhamento, redistribuição de capital simbólico, criação artística e fomento das redes de sociabilidade e produção.

Ao analisarmos a recorrência das autoras nas produções agraciadas, fica evidente que a premiação apresenta um caráter híbrido, contemplando tanto escritoras já consagradas quanto nomes emergentes no campo da literatura infantil e juvenil. Parte significativa das autoras premiadas são reconhecidas por sua trajetória consolidada em outras áreas do conhecimento ou da produção literária, como Cecília Meireles, Marilda Castanha, Marisa Lajolo e Lilia Moritz Schwarcz. Suas carreiras, marcadas por contribuições significativas em diferentes esferas – seja no jornalismo, na historiografia, na crítica literária ou na literatura adulta – reforçam a ideia de que o reconhecimento dessas autoras não veio, inicialmente, da escrita de livros para as crianças, mas, sim, de sua atuação em outros campos.Esse padrão sugere um movimento interessante: a legitimidade e o prestígio dessas autoras parecem anteceder sua inserção na literatura infantil, indicando que a chancela crítica e institucional concedida a suas obras pode estar vinculada a uma credibilidade já estabelecida em outros meios. Tal situação é comum no campo das Letras, em que diversos agentes buscam sustento e/ou reconhecimento em campos paralelos enquanto se consolidam em relação aos fazeres propriamente artístico-literários. No caso feminino, esse estado de coisas parece ser ainda mais dotado de tensões, posto que seu reconhecimento caminha, historicamente, a passos lentos.

Paralelamente, o prêmio também contempla jovens escritoras em ascensão, como Duda Porto, Flávia Bonfim e Miriam Exposito. A presença dessas novas vozes na premiação demonstra um movimento de renovação e ampliação do campo, permitindo que escritoras menos conhecidas passem a integrar esse espaço de validação. No entanto, um aspecto relevante a ser destacado é que, assim como as autoras já consagradas, muitas dessas escritoras também possuem trajetórias interdisciplinares e atuam em múltiplos campos do conhecimento. Duda Porto, por exemplo, além de escritora, é jornalista e produtora de cinema; Flávia Bonfim, por sua vez, é professora, o que evidencia uma interseção entre diferentes áreas da produção cultural e intelectual.

Essa característica multidisciplinar das autoras premiadas aponta para uma possível particularidade do reconhecimento na literatura infantil: a de que a chancela

crítica tende a ser concedida a autoras cujas trajetórias extrapolam a literatura voltada à infância. Dessa forma, a análise da recorrência das autoras premiadas nos permite problematizar os mecanismos de reconhecimento e as dinâmicas de legitimação na literatura infantil, evidenciando a intersecção entre diferentes frentes de atuação e sugerindo que o prestígio acumulado em outros espaços ainda desempenha um papel significativo na validação dessas produções.

No que tange às temáticas abordadas pelas autoras, observa-se uma diversidade de enfoques, com destaque para questões de ordem social e histórica. Essa predominância, contudo, não se restringe às produções informativas de autoria feminina, mas evidencia uma tendência mais ampla dentro do gênero. Em estudo realizado por Moreira e Silva (no prelo), intitulado *Notas para pensar o livro informativo para crianças no Brasil*, os livros informativos premiados entre 1991 e 2024 foram analisados e classificados em diferentes categorias, revelando que a maior parte dos títulos se concentra nos campos da história e da biografia.

Essa constatação encontra ressonância nos dados observados na planilha utilizada neste estudo, que indicam que as autoras premiadas nos últimos anos têm, em sua maioria, voltado-se para a construção de narrativas que exploram a identidade de povos, manifestações artísticas e culturais, além de trajetórias individuais. Esse foco na historicidade e na experiência biográfica sugere não apenas uma inclinação temática das escritoras, mas também uma possível resposta às demandas do público leitor e do mercado editorial, que parecem reconhecer nesses temas um campo fértil para as produções informativas.

Nos últimos cinco anos, por exemplo, observa-se que os seis livros premiados (com duas premiações ocorrendo em 2020) inserem-se no que Arfuch (2010) denomina de espaço biográfico, isto é, um conjunto de gêneros discursivos dedicados às formas pelas quais as vidas são narradas e circulam. Essa ênfase no biográfico permite que as obras assumam um papel duplo: de um lado, contribuem para a preservação e difusão da memória histórica e cultural; de outro, é uma estratégia de construção identitária muito utilizada na tentativa de promover a aproximação do leitor com experiências de vida singulares, de modo que o que se objetiva é a educação por meio do exemplo.

Dessa forma, a análise das temáticas predominantes nas produções premiadas revela não apenas um panorama das tendências editoriais no campo da literatura informativa, mas também aponta para a centralidade da história e da biografia como

gêneros férteis no âmbito da não ficção. O destaque dessas abordagens dentro do conjunto de obras premiadas por autoras reforça a importância de investigar como essas narrativas contribuem para ampliar a compreensão da infância sobre o mundo e sua própria inserção nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas, é possível afirmar que a presença feminina na literatura infantil informativa no Brasil tem se mostrado expressiva e crescente, tanto em termos de produção quanto de reconhecimento pelas instâncias legitimadoras. A significativa participação de autoras nos prêmios da FNLIJ demonstra não apenas a consolidação de um espaço ocupado pelas mulheres, mas também a ampliação das discussões sobre a legitimação de obras não ficcionais no campo literário infantil e juvenil.

A análise evidencia, entre outros aspectos, que o trabalho realizado por mulheres na literatura infantil informativa possui, em certa medida, um caráter coletivo, uma vez que é comum a atuação conjunta entre autoras. Além disso, a composição do grupo de premiadas se mostra híbrida, contemplando tanto escritoras já reconhecidas por sua atuação em outras áreas quanto novas autoras. No entanto, a maioria dessas mulheres desenvolve atividades em diversos campos, o que sugere uma atuação múltipla, que não se restringe à autoria, mas se estende a outras etapas da produção do livro e a diferentes esferas do conhecimento.

O processo de edição de livros informativos apresenta particularidades que podem contribuir para essa dinâmica. A captação de autores, por exemplo, muitas vezes parte do editor, que convida um escritor a abordar determinado tema, em vez de receber originais submetidos espontaneamente. Nesse contexto, a autoria de mulheres que, além de escritoras, são jornalistas, antropólogas, historiadoras e professoras pode estar relacionada às demandas do gênero informativo, que frequentemente exige conhecimento especializado para a construção da obra, até mesmo para garantir, assim, a credibilidade narrativa — aspecto relevante na produção desse gênero. Assim, o fato de tal demanda de produção não-ficcional ser direcionada às mulheres aponta, em certa medida, para a credibilidade que elas têm conquistado no meio científico, jornalístico e/ou informacional, extrapolando o campo das autorias de literatura infantil, meio em que já eram quantitativamente dominantes.

A predominância de temáticas sociais e históricas nas obras analisadas, apesar de não ser uma característica relativa ao gênero, mas uma tendência das obras desse nicho, aponta para a preocupação com a construção de narrativas que transcendam o caráter meramente didático, promovendo reflexões sobre identidade, cidadania e cultura. Ademais, ainda que a materialidade do impresso não tenha sido foco desse trabalho, essas obras, sobretudo as mais recentes, tendem a fazer isso utilizando para isso o tripé: texto, imagens e projeto-gráfico.

Por fim, importante destacar que apesar dos avanços observados, ainda é necessário aprofundar as investigações sobre os mecanismos de legitimação da literatura infantil e suas intersecções com questões de gênero. A própria seleção dos livros premiados não é generalizada, alcançando, sobretudo, editoras que dispõem de capital econômico para o envio dos originais e aquelas que se concentram no eixo Rio-São Paulo. Desta forma, o desafio que se impõe é compreender de que maneira essas produções podem continuar ganhando espaço e prestígio, garantindo que as vozes femininas na literatura infantil, quer seja no âmbito da ficção, quer seja na não ficção, sejam valorizadas em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BOURDIEU, P. *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário. Trad. De M. L. Machado. 1ª. reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

COELHO, N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*: das origens indoeuropeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

GALLEGO CUIÑAS, A. Femedição: Por uma prática editorial feminista ibero-americana. *Revista Eco-Pós*, v. 27, n. 2, p. 278-306.. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28404/15488. Acesso em: 28 fev. 2025.

GARRALÓN, A. *Ler e saber*: os livros informativos para crianças. Tradução de Thais Albieri e Márcia Leite. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira*: histórias e histórias. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LYONS, M. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças e operários. *In*: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs). *História da leitura no mundo ocidental II*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MOREIRA, R.; SILVA, V. Descolonizar o olhar: o amálgama entre texto, projeto gráfico e ilustração na obra de Anabella López. *Revista Leia Escola*, v. 23, n. 3, p. 101-116, 2023. Disponível em: https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/1290. Acesso em: 28 fev. 2025.